

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora Class.: \_\_\_\_\_

Data: 27.07.87 Pg.: \_\_\_\_\_

# Denúncia de roubo de madeira agita as reservas indígenas

Tudo começou em 1983, quando, num conflito, vários índios morreram

Por ELAINE TAVARES

Central do Interior/ZH em Passo Fundo

Enquanto as áreas indígenas estão mergulhando em fortes crises como o desaparecimento de madeira, processos e questões de desapropriação, a Delegacia da Funai, que foi transferida para Passo Fundo há pouco mais de um ano, continua envolta em questões com funcionários que comprometem a operacionalidade do trabalho. A polêmica começou em abril do ano passado, quando 13 funcionários da Funai se recusaram a trabalhar em Passo Fundo e a história toda virou briga na Justiça. Os funcionários conseguiram uma liminar que lhes assegurava o direito de permanecer em Porto Alegre e a Funai, por sua vez, entrou com um mandado de segurança para sustar a liminar. O processo todo já passa das 4 mil folhas. Na semana passada, esta liminar foi cassada.

O administrador regional da Funai em Passo Fundo, Francisco Eugênio dos Santos, aguarda com ansiedade ainda os resultados de um outro processo que está atraindo a atenção da Funai, o que trata da questão do conflito gerado do início de 1983, envolvendo as reservas de São João de Irapuá e Guarita, na chamada guerra dos bugres. Durante o confronto, criado por causa do roubo de madeira e disputa pelo poder, morreram alguns índios e existem funcionários da Funai envolvidos. Depois de quatro anos, o processo ainda não foi examinado pelo promotor. Ocorrer que durante todo este tempo a Justiça comum e a Justiça Federal estiveram disputando a competência e apenas no início deste mês a Justiça comum tomou para si o processo.

quanto ao envolvimento de funcionários da Funai no confronto, Francisco Eugênio considera impossível. Segundo ele, está fora da filosofia de trabalho da Funai tramocar complôs contra os índios. Mesmo assim o processo será acompanhado de perto, e se for constatado que houve envolvimento será instalado o inquérito administrativo.

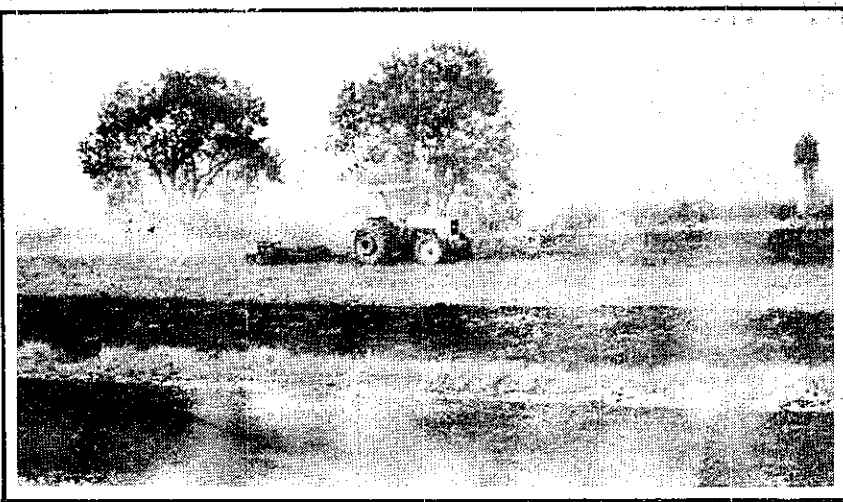
### Roubo de Madeira

O roubo de madeira nas reservas indígenas é considerado pela Funai como "boatos infundados". O administrador regional, Francisco Eugênio, garante que se há saída de madeira certamente são árvores desvitalizadas que acabam se transformando em lenha. "A madeira é do índio, como o índio vai roubar o que é dele?" indagou.

As acusações da Anai (Associação Nacional da Apoio ao Índio) são vistas com certa indignação. "Como eles podem acusar e denunciar roubos nas reservas se estão lá em Porto Alegre, se não vivenciam o dia a dia do índio. Nós já convidamos para uma visita às áreas, mas até agora não veio ninguém" comentou Francisco Eugênio.

Esta mesma opinião é compartilhada pelos índios da reserva de São João de Irapuá que apoiam a entidade. Luis Jacinto Kaiga, um dos integrantes da comitiva repudia as de-

Arquivo/ZH



O trabalho agrícola na reserva indígena de Irapuá

núncias de roubo de madeira e quer explicações do IBDF.

"Queremos que eles provem o roubo, queremos ver onde estão as tais toras de madeira apreendidas, somos 5 mil índios e não vimos nada, como a Anai em Porto Alegre pode ver? Não tem roubo lá o que sabemos é que tem gente do IBDF envolvido, índio não".

Mas, nem só de problemas vive a Funai. Apesar das dificuldades, o trabalho envolvendo educação, saúde e atividades produtivas continua. Só no ano passado foram plantados 3.300 hectares de terra, as nove reservas juntas colheram 78 mil sacas de milho e 13.500 sacas de soja. Vale salientar que a décima reserva gaúcha, a Nonoai está agora sob controle da regional de Chapecó em Santa Catarina. A explicação para esta mudança é o fator geográfico, Nonoai fica a 40 quilômetros de Chapecó e o acesso é mais fácil. Uma outra luta em favor do índio é a liberação de 250 hectares na região do Toldo de Iraí, uma área que de fato pertence aos índios mas que ainda não está registrada no patrimônio da União como área indígena. Atualmente, vivem nesta área 40 famílias que ocupam a terra a título de comodato. E, existe, ainda um aeroporto que para os índios não tem nenhum valor. Segundo o administrador regional em Passo Fundo, Francisco Eugênio, a liberação desta área é só uma questão de tempo.